

Nancy Folbre

Trabalho Social

Transcription of a video by Oliver Ressler,
recorded in Amherst, U.S.A., 20 min., 2003

Meu nome é Nancy Folbre, sou uma economista uma economista feminista. Eu trabalho, principalmente, com o conceito de trabalho social. Defino o trabalho social como aquele que envolve um elo com o próximo, um relacionamento pessoal para ajudar a atender as necessidades das pessoas. São trabalhos como cuidar de crianças cuidar de idosos, cuidar de pacientes ou ensinar, que é uma forma de trabalho social. Alguns trabalhos sociais são pagos, outros não. Eles têm algumas características importantes às quais os economistas não dão a atenção devida e que precisamos entender melhor.

O que é distinto no trabalho social é o fato de se basear na motivação pessoas o fazem por razões independentes do dinheiro. Às vezes as pessoas são pagas por esse trabalho ou você abdica da atenção de um membro da família em troca do salário de outro membro da família mas sempre pensamos no trabalho caridoso como algo que envolve comprometimento ou obrigação, afeição, ou paixão pela pessoa que demanda o atendimento. E essa motivação básica é uma parte importante do que torna o trabalho social tão valioso e garante que seja feito com alta qualidade. Mas também é difícil organizar trabalho social no mercado com salários quase sempre muito baixos. Historicamente, as mulheres têm feito grande parte do trabalho social, o que ainda é uma verdade. Muitas recebem salário por trabalho em tempo integral mas seu trabalho envolve cuidar de outras pessoas e a maioria desses empregos paga menos. O fato de essas mulheres terem tais empregos ajuda a explicar por que as mulheres, em geral ganham menos que os homens. As mulheres também são penalizadas ao se responsabilizarem por cuidar de um lar. Se você pede licença de um emprego para cuidar de um filho ou de uma pessoa idosa isso não só reduz sua renda atual mas também no decorrer de sua vida. As mães, em geral, ganham bem menos que outras mulheres e há uma diferença maior de salário, nos EUA entre mulheres que são mães, e as que não são do que mulheres sem filhos e homens sem filhos. Esta é uma dimensão crítica da desigualdade. A grande pergunta, sob um prisma econômico, é: Se o trabalho social é tão mal pago e ainda envolve uma penalidade por que as mulheres se dispõem a fazê-lo? De onde vem essa mão-de-obra?

E a resposta a essa pergunta é que vem da qualidade feminina social vem do relacionamento entre feminilidade e caridade.

É uma espécie de paradoxo de menor controle do homem sobre a mulher. O paradoxo é ser uma ótima opção das mulheres é ótimo que a mulher possa expressar sua individualidade e ser menos restringida por conceitos tradicionais de feminilidade, mas o paradoxo é agora que não há mais a pressão para realizar trabalho social, para as mulheres ou qualquer pessoa o resultado pode ser uma redução na oferta geral de mão-de-obra social nos lares e no mercado. Um economista convencional não se preocupa com isso pois pensa que o mercado resolverá o problema. Se essa mão-de-obra faltar, o mercado corrigirá aumentando os salários, voltando a um equilíbrio e tudo se resolverá. Mas, como esse trabalho não é ligado ao sucesso num ambiente de mercado, isso se torna preocupante. Temos que pensar numa forma de assegurar coletivamente, maior oferta de mão-de-obra de qualidade de modo que independa do mercado ou, pelo menos, que possa suplementar a necessidade existente para essa mão-de-obra. Por isso temos que ser mais criativos no que se refere às instituições sociais.

O trabalho beneficente é historicamente desvalorizado não se dá valor a ele pois, tradicionalmente era feito por mulheres, a um custo muito baixo e, quase sempre, fora do ambiente econômico. Ainda há muitas mulheres que têm esses empregos e, como as mulheres ganham menos que os homens isso ajuda a reduzir o custo do trabalho social. Mas também há algo no trabalho social que contribui para sua desvalorização. Um ponto relevante é que essas pessoas se preocupam com o próximo. Assim, é mais difícil que elas façam greves é difícil para elas não prestar seus serviços a menos que sejam assalariadas.

Elas se tornam reféns de seu comprometimento e afeição pelas pessoas de quem estão cuidando e não podem negociar de modo tão eficaz como fazem outros trabalhadores ameaçando entrar em greve ou interromper um serviço. É uma razão para a sua desvalorização.

Há uma segunda razão, que é óbvia: As pessoas que mais precisam de cuidados crianças, doentes e idosos, são as que pagam menos!

Você presta um serviço que não se trata de um luxo não há uma especialização para esse tipo de trabalho e, por definição, é para quem mais precisa de ajuda e não está em posição de pagar por isso e, quase sempre, exige um apoio institucional. Com a erosão das instituições, é claro haverá menos dinheiro para pagar salários às pessoas que podem prestar esses serviços. Há outra razão, de caráter mais técnico e que pode interessar mais aos economistas É muito difícil medir a qualidade do serviço social pois é muito pessoal. Posso ser uma ótima professora para alguém e fracassar totalmente com outra pessoa. Medir minha habilidade como professora é bem mais difícil que medir a qualidade de alguém que produza algo fisicamente sem características de relacionamento. No trabalho social também há dimensões emocionais. Como professora, tenho que convencer meus alunos a gostar de aprender, isso é mais importante do que apenas transmitir informações. Mas é difícil mensurar o sucesso desse trabalho. Geralmente, no mercado você tem mais qualidade pagando mais pelo trabalho de qualidade. Mas no trabalho social é difícil fazer isso pois a qualidade é variável e difícil de mensurar. Isso também é uma forma de se dizer que o trabalho social sempre envolve motivação. As pessoas o fazem por ter esse sentimento de comprometimento ou obrigação. Esse é um recurso natural, uma energia natural que pode prestar o serviço social. Mas é uma energia natural que deve ser respeitada e reconhecida, para que continue a existir.

O requisito mais básico para a economia social é atender as necessidades das pessoas humildes especialmente crianças e idosos e os doentes, ou pessoas que perderam a esperança. Mas, é claro todos nós precisamos de cuidados. De alguma forma, devemos ter um sistema econômico que crie um espaço e um tempo para um trabalho social respeitado e premiado. É muito difícil fazer isso numa economia de mercado com uma concorrência tão agressiva entre as pessoas para sobreviver, trabalhar ou garantir seu sustento e temem que, se dedicarem uma parte de seu tempo para cuidar de outros, serão punidas. Elas sentem que ficarão para trás. Acredito que as pessoas, e talvez seja verdade mercados podem ter bons efeitos nas pessoas em certas circunstâncias, uma concorrência amigável pode despertar o que as pessoas têm de melhor. Mas, se o mercado age de forma desenfreada leva à concorrência na base do vale-tudo. E creio que seja essa a direção tomada pela atual economia de mercado mundial. E é algo que perturba e angustia muitas pessoas.

Todos os sistemas econômicos alternativos estão ligados à organização do trabalho. E a grande questão é "Como nos organizamos?" Para responder a essa pergunta seja sob um ponto de vista corporativo e capitalista ou sob um ponto de vista socialista temos que reconhecer a existência de um trabalho diferente dos outros, que não é qualificável por uma lógica econômica, ou por uma lógica de planejamento central, na administração burocrática. É algo intrinsecamente pessoal, emocional um tipo de intercâmbio que exige relacionamentos a longo prazo entre as pessoas. E isso é algo que os grandes pensadores do capitalismo não analisaram, nem os pensadores do socialismo. É algo que fica no meio, e é ignorado pelos 2 lados. Vemos isso claramente na visão socialista de mercado: "O mercado funciona, se há uma distribuição por igual das riquezas, e criamos regras para a concorrência, num contexto em que as necessidades básicas das pessoas são atendidas" e assim por diante. Aprecio essa visão socialista de mercado mas não quando organiza o trabalho social no conceito de mercado, pois a qualidade desse trabalho não pode ser protegida no mercado e pode ser corrompida pelo princípio da concorrência. Gasto muito tempo tentando convencer economistas de esquerda e visionários utópicos a darem mais atenção ao trabalho das mulheres e a aprenderem com isso.

Vejo uma metáfora quando estou na chuva. Esta é a minha vida, ficar no frio e na chuva repetindo sempre as mesmas coisas.

A família sempre foi uma metáfora no socialismo. O socialismo é como uma grande família cuidamos de nossos irmãos e irmãs. Isso é interessante no feminismo as feministas desafiaram a família tradicional o

conceito patriarcal, o chefe da família dizendo aos jovens o que devem fazer e mandando a esposa à cozinha para preparar as refeições e esfregar o chão. Mas também há algo na família como solidariedade, amor e afeição fatores tão vitais à vida familiar e dos quais as feministas tentaram se apossar. Tomar conceitos como afeição mútua e apoio mútuo para aplicá-los na sociedade não me parece tão descabido se podemos fazê-lo no nível microeconômico ou seja, nossas famílias, devemos encontrar um meio para aplicá-los de forma generalizada.

Uma sociedade pode e deveria ser como uma grande, feliz e eqüitativa família em que cada um tem suas responsabilidades cada um pode ganhar seu sustento cada um pode ter um trabalho especializado mas todos voltam ao lar, com prioridades e metas que são partilhadas, e com o compromisso de agirem em união, com respeito mútuo de um modo realmente profundo. Portanto por um lado é utópico e até visionário mas também é tradicional, à moda antiga.

Há muitas provas de que o trabalho social é uma habilidade, quanto mais se pratica maior é o desempenho, e mais você o aprecia. E também é algo que nasce da ligação com os outros. Se você nunca se liga com outras pessoas não entende ou desenvolve esse senso de ligação. Isso deveria ser básico no processo de educação devemos ser responsáveis por cuidar do próximo. E não é apenas ajudar no "sopão" uma vez por mês ou conhecer novas pessoas a cada vez mas sim fazer uma ligação a longo prazo com pessoas que são diferentes de nós. Não são nossos vizinhos, não vão à nossa igreja ou à nossa universidade, são alheias ao sistema e não teríamos contato com elas de outra forma. Podemos planejar um intercâmbio de trabalho e de reciprocidade numa escala maior criando essa habilidade, que seria muito benéfica para todos nós, como uma sociedade. As pessoas não gostam do que é obrigatório. "Tudo bem, se você quer cuidar dos outros vá em frente, mas não me obrigue a fazer isso." Eu acredito que temos obrigações com o próximo e não cumprimos isso apenas pagando impostos ou fazendo doações, temos que dedicar tempo e uma parte de nossa energia e nossa afeição.

Não sei se vocês o conhecem mas, no mundo anglo-americano há um filósofo, John Rawls que criou a metáfora do "véu de ignorância". Se tiramos as pessoas de seu contexto diário e as colocamos sob um véu ou cortina em que não conheçam suas próprias identidades elas não podem agir em seu próprio interesse e tomam decisões com base no interesse geral pois não sabem quem são ou o que serão. Seria um ótimo enredo para ficção científica.

Criaríamos um sistema global escolhendo aleatoriamente pessoas de todo o mundo para colocá-las sob um véu de ignorância sem saberem se são americanas ou chinesas se são australianas ou se vêm de Botswana. Elas olhariam para o mundo de forma neutra pensando: "Quais devem ser nossas prioridades?"

"Quais devem ser nossos esforços?" Eu a considero uma metáfora bem poderosa embora não tenhamos a tecnologia para realizá-la. Sou uma grande fã de ficção científica.

Creio que a ficção científica de Marge Piercy e de outros autores, como Sherry Tupper, Kim Stanley Robinson é assim que a criação social tem início. De certa forma, o que eu faço tem uma base nessas visões mais imaginativas eu tento descobrir novas formas para que possamos criar essa sociedade e como adaptar algumas das atuais instituições para nos movermos nessa direção. Economistas são como engenheiros da utopia. Nossa função é analisar os componentes de um sistema econômico alternativo e acho que dependemos dos artistas e de escritores para nos ajudar a encontrar um rumo.

Tradução: Itaucultural Institute, Sao Paulo